



# Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 11 - 2003

## OS IRMÃOS DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA DO MONTE CARMELO

Este foi o nome dado pelos Sumos Pontífices à Ordem do Carmo. E quem assim os chamasse lucraria indulgências. O Papa Urbano VI, no dia 26 de Abril de 1379, concedeu uma indulgência de três anos e três quarentenas a quem assim chamasse os irmãos desta Ordem. Esta indulgência foi confirmada por Gregário XIII, em 1577 “a todos os fiéis que designarem ou chamarem à Ordem ou aos Irmãos desta Ordem: *Ordem ou Irmãos da Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, Nossa Senhora do Monte Carmelo*”.

Esta designação oficial, bem como o decreto que a Universidade de Cambridge deu, a 23 de Fevereiro de 1374, segundo o qual, “o título da gloriosa Virgem, a Bem-aventurada, convém duma maneira especial”, a esta Ordem, vêm confirmar uma tradição que nos mostra a vida do Carmelo toda penetrada pela influência de Maria. Esta mesma tradição faz nascer esta Ordem de Maria.

Mais tarde, numa época em que as Ordens religiosas faziam alarde dos seus títulos e privilégios, podia-se dizer sem levantar protestos: “*Totus marianus este Carmelus*”. O Carmelo é todo mariano. A tal ponto chegou este marianismo da Ordem que foi instituída, no século XIV, uma festa especial, em honra de Nossa Senhora do Carmo e estendida a toda a Igreja Universal, para agradecer à

Virgem Santíssima os inumeráveis e grandes favores conseguidos para esta Ordem privilegiada.

Os princípios desta Ordem estão envoltos numa “nuvem” que às vezes não se distingue do nevoeiro. Surgem muitas lendas e aparecem as mais ingénuas tradições. Mas é preciso ter cuidado para não acontecer que com a água se deite a criança pela janela. O P. Gabriel

de Santa Maria Madalena, num estudo profundo e bem documentado, coloca-nos no bom caminho: “As tradições mais ingénuas da Idade Média têm o seu interesse” porque nos permitem “determinar a viva atitude da alma carmelitana perante a Virgem Maria”.

Nós não podemos identificar o culto a Nossa Senhora do Carmo com a devoção ao Escapulário. O marianismo da Ordem é muito anterior a ela. Estende-se até aos primórdios. Encontramos referências claras no livro *Citez de Jherusalem*, escrito pelo ano 1220: “Perto da abadia de Santa Margarida, sobre o flanco do mesmo Monte Carmelo, há um lugar delicioso onde vivem os eremitas latinos que se chamam Irmãos do Carmelo. Há ali uma pequena igreja da Bem-aventurada Virgem. Boas águas que brotam das rochas abundam nestes lugares”.

Uma bula de Gregório IX, datada de 5 de Abril de 1227, está dirigida “Ao meu querido filho o Prior dos Eremitas de Santa Maria do Monte Carmelo”.

Existe um precioso documento que será conhecido com o nome de “Instituição dos Primeiros Monges” que os primeiros eremitas trazem entre mãos e é objecto de meditação.



As mais antigas tradições da Ordem ali copiladas e comentadas, unem a memória de Elias com o culto a Nossa Senhora.

Estes eremitas que se consideram descendentes do profeta Elias, estabelecem-se no Carmelo à procura do espírito do Profeta. Mas esta pergunta torna-se pertinente: uma vez que Elias percorreu a Palestina em todos os sentidos, abundando os lugares impregnados pela sua presença e graça, capazes de atrair e reter todos aqueles que pretendiam a vivência do seu espírito, porque é que estes eremitas escolheram o Carmelo?

Eles escolhem o Carmelo porque este lugar é ponto de união entre uma recordação bíblica e eliana ao mesmo tempo. É bom recordar o capítulo 18 do 1º livro dos Reis, que nos relata os feitos memoráveis de Elias no Carmelo e entre eles o desafio ao rei Acab, aos sacerdotes de Baal e ao povo de Israel. O profeta encontra-se no cimo do Monte Carmelo em atitude de oração profunda e ardente, a cabeça entre os joelhos. O seu



**Elias subiu ao cimo do Monte Carmelo, inclinou-se para terra e pôs a cabeça entre os joelhos. Depois disse ao seu criado: “Vai lá acima e olha em direcção ao mar”. Ele subiu, olhou e disse: “Não há nada”. Elias replicou-lhe: “Volta sete vezes”. À sétima vez, exclamou: “Vem lá uma nuvem a subir do lado do mar, tão pequena como a palma da mão dum homem”... Em poucos momentos, o céu escureceu devido às nuvens e ao vento, e caiu uma forte chuvada.**

*1Reis, 18, 42-45*

servo encarregado de visualizar o horizonte, à sétima vez vê uma nuvenzinha que se eleva do mar, semelhante à palma da mão dum homem.

A oração de Elias foi escutada. Este levanta-se e manda avisar Acab da iminência duma chuva fecundante.

A tradição carmelitana sempre admitiu que Elias descobriu, naquela nuvenzinha que trazia a fecundidade à terra da Israel, a virgindade fecunda daquela que devia trazer à terra o Messias.

Estes homens, entre o Horeb e o Carmelo, escolheram o Carmelo. Entre Moisés, o legislador, e o grande profeta Elias, escolheram o profeta. Escolheram o profeta e o Carmelo, porque na penumbra duma visão profética deixa-se entrever a Virgem levando o Messias.

O carácter mariano do Carmelo encontra-se desde este momento claramente definido. Está ligado ao ideal e ao espírito da Ordem. Este ideal consiste numa amorosa procura até encontrar Jesus Cristo e a Virgem sua Mãe.

*P. Jeremias Carlos Vechina*

*“Enquanto Elias se encontrava inclinado para a terra foram-lhe revelados mistérios para serem comunicados, não propriamente ao mundo, mas no segredo aos seus familiares. Por estes chegou até nós a tradição de que, na visão observada, Elias recebeu a revelação de quatro grandes mistérios, que explicarei sucessivamente: Primeiro, que uma menina nasceria isenta de toda a mancha de pecado; segundo, em que tempo isto deveria acontecer; terceiro, que esta menina abraçaria, a exemplo de Elias, a virgindade perpétua; e, em quarto lugar, que Deus, unindo a sua natureza à humana,*

*nasceria homem desta virgem... Em memória desta visão que antecipou ao santo profeta Elias o advento desta virgem, sob a figura duma nuvenzinha que se elevava desde o mar em direcção ao Carmelo, ditos monges, no ano 83 da incarnation do Filho de Deus, destruíram o seu antigo nicho e edificaram, em honra desta primeira virgem dedicada a Deus, uma capela sobre o Monte Carmelo, perto da fonte de Elias, no lugar onde o Profeta em oração viu a nuvenzinha”.*

*(Da Instituição dos Primeiros Monges)*

# “Este é o Meu Filho muito amado”

“Este é o Meu Filho muito amado...” (Mt. 3, 17)

É o que nós somos.

Cada um de nós é para Deus-Pai o Seu filho mais predilecto, por Seu Filho, Jesus Cristo.

Assim nos ama o Senhor.

“De facto, Deus amou de tal maneira o mundo que deu o Seu Filho único, para que todo o que n’Ele acredita não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Jo. 3, 16).

Deus ama-nos desde toda a eternidade, com um amor eterno, ao qual por mais que tentássemos, neste tempo, nunca conseguiríamos corresponder, em toda a sua plenitude.

Ama-nos como Seus filhos adoptivos em Jesus Cristo.

Somos Filhos de Deus Vivo feitos à Sua imagem e semelhança.

Somos uma **pessoa especial**. Ele ama-nos como seres únicos.

A armadilha da auto-rejeição que o mundo nos dá é uma tentação. São vozes que nos dizem que não somos nada, que nada valem. É uma verdadeira cilada. Porque nós somos os amados de Deus, somos os Seus filhos em Jesus Cristo.

Não por mérito nosso, mas por graça Sua, pois por nós mesmos, não passamos de servos inúteis.

Para correspondermos a este amor Divino e infinito, temos primeiro que o receber. Ninguém pode dar nada, que não tenha recebido primeiro.

Temos que nos deixar amar. Temos que nos tornar amados. Como? Tornar-se amado é deixar-se amar nos lugares comuns da nossa vida. Se a nossa convicção for que somos amados, a consequência lógica é que isso se torna palpável quando comemos, trabalhamos, que são coisas tão sublimes e dignas como rezar.

É como nos diz Santa Teresinha do Menino Jesus: “Mais importante que amar Deus, é deixarmo-nos amar por Deus”.

É do amor que se recebe de Deus, que poderemos retribuir esse mesmo amor, retribuição essa que será plena no Paraíso.

Continuando com a família Carmelita, citamos S. João da Cruz que nos diz: “Como Deus não ama nada fora de Si, metenos no seio da Trindade, por meio de Cristo, e ama-nos com o mesmo amor, com que Ele Se ama a Si mesmo. Quando chegarmos a esta unidade de amor, faremos as mesmas coisas que Ele.”

Se não fizermos a experiência de Deus não podemos conhecer o Seu Amor.

Cada um é chamado no seu dia-a-dia a fazer essa experiência do Amor de Deus.

Deus chama-nos das mais variadas maneiras e a cada um do seu modo, mas de uma forma discreta, para que não nos sintamos obrigados a aceitar, porque isso já não seria amor.

A obra começa sem nós, mas não acaba sem nós. Para nos criar do nada, Deus não pediu licença a ninguém, mas para continuar a Sua obra, pede-nos licença. Bate à porta e chama por nós.

Torna-se presente em nós, pois quem ama faz-se presente.

Se abrimos a porta a Cristo, o Pai vem e o Espírito Santo também. É o viver no seio da Trindade Santa, já neste tempo.

Para isso só precisamos de nos colocar à total disposição do Senhor, fazer em tudo a Sua vontade, como Cristo fez a vontade do Pai.

É amá-l’O em primeiro lugar e acima de todas as coisas.

Já hierarquizámos os nosso amores de modo a definirmos qual é o nosso segundo amor? Ou será que temos muitos primeiros amores, como a nossa casa, o nosso trabalho, a quinta e onde igualmente também incluímos o Senhor?

Fazemo-nos guiar pelos valores do mundo, em lugar de seguir o Reino de Deus.

Falta-nos, por vezes, a fé na providência divina, para deste modo justificarmos os empenhos no mundo do trabalho.

O nosso trabalho também contribui para a nossa santificação, assim como a oração, mas primeiro está o Senhor.

Como um Pai que é, Ele assiste a todas as nossas necessidades.

“Não vos preocupeis, com o que vestir nem com o que comer...” (Mt. 6, 25).

Ou em Isaías 55: 1-3: “Todos vós que estais sedentos, vinde à nascente das águas, vinde comer, vós que não tendes dinheiro. Vinde comprar trigo sem dinheiro, vinho e leite sem pagar. Porque despender o vosso dinheiro, naquilo que não alimenta e o produto do vosso trabalho naquilo que não sacia?”.

Como nos mantemos sempre na presença do Senhor? É através da oração.

Orar é estar na presença de Deus A nossa oração deve ser permanente: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação” (Mt. 26, 41).

Devemos rezar com o coração, pois o amor manifesta-se no coração. Rezar até o fazer por gosto, por amor ao Senhor. Deus manifestar-se-á e quanto mais conhecermos a Deus, quantas mais manifestações de Deus tivermos, mais desejo teremos de oração.

Deus quer que rezes, pois Ele ama-te e deseja que estejas com Ele.

As escrituras são palavras de Deus. Ele quer dirigi-las a ti. O Senhor fala através da Palavra.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus”. (Jo 1, 1)

Verbo significa Palavra e esse Verbo a que a Palavra se refere é Jesus, Palavra de Deus encarnada.

Jesus veio proclamar a Sua Palavra, pela qual todas as coisas foram criadas.

Descobrimos através da Palavra o amor de Deus, porque o amor de Deus é a Palavra.

Ou seja, o amor de Deus é-nos manifestado à medida que acolhemos no coração a Palavra de Deus, cremos nela, a colocamos em prática e percebemos que somos abençoados por Deus. A Palavra transforma-nos, cura o nosso coração,

liberta-nos do pecado, traz-nos vida, comunhão com Deus e prosperidade: "nisto consiste o amor, que vivamos segundo os seus mandamentos" (2 Jo 6).

"Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele" (1 Jo 4, 16b).

Deus continua a amar-nos mesmo quando não correspondemos ao Seu amor.

Está sempre de braços abertos, quando nos afastamos d'Ele, à espera do nosso regresso, como do filho pródigo, em que Ele manifesta todo o Seu amor por esse filho que regressa à casa do Pai.

Não devemos olhar para nós, para as nossas fraquezas, mas olhar para Deus, para o Seu Amor e alegrarmo-nos com isso.

Saibamos, como Seus filhos em Jesus Cristo, amá-l'O em todos os nossos gestos do dia-a-dia, neste tempo de Graça, pois nunca tivemos o Céu tão aberto como no nosso momento presente, em Jesus Cristo.

St. Mary's, 19 de Fevereiro de 2002

*António Gonçalves Fernandes*

## X ENCONTRO NACIONAL DA OCDS

**Fátima, 4 - 6 de Abril de 2003**

O encontro geral da OCDS deste ano de 2003 foi motivo de particular alegria para todos nós, pois chegou à sua 10.<sup>a</sup> edição. O Centro Catequético de Nossa Senhora de Fátima das Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus acolheu mais uma vez os representantes das fraternidades, num total de 42 membros, assim distribuídos: Aveiro, 7; Coimbra, 6; Lisboa, 16; Paços de Ferreira, 3; Tavira, 2; Viana do Castelo, 8. Acompanharam permanentemente os



trabalhos, o Provincial, Padre Alpoim Portugal, Padres Jeremias Carlos Vechina e Fernando Reis.

Foi um tempo de encontro, partilha e oração, que arrancou ao fim da tarde de sexta-feira e chegou ao termo na tarde de Domingo. Espaço importante foi também o da escuta. Ouviram-se as comunicações do Padre Alpoim - "Historial da legislação da Ordem Secular" -; do Padre Jeremias - "A Ordem Secular e a Nova Evangelização"; e do P. Armindo Vaz - "Como ler a Bíblia" e "A Bíblia na nossa vida". Intervenções de diferente sentido

temático, tratadas com grande profundidade, complementares nas abordagens e por isso muito enriquecedoras,

Este encontro ficou marcado por um sinal de particular significado. Nele se elegeu pela primeira vez o Secretariado Nacional, de que tanto se falava, mas só agora se reconheceram como atingidas as condições necessárias. Uma delas, essencial, a do número de membros com promessas definitivas. Feita a votação, a presidência foi confiada, por maioria, à Maria do Rosário Borges de Castro, de Lisboa, escolhendo-se depois a restante equipa, de que saíram sufragados os nomes da



Alice Montargil, da Figueira, do Carlos Veiga, de Lisboa, e da Maria de Lurdes Marques, de Paialvo. Com este gesto, todos sentiram que a Ordem Secular tinha verdadeiramente crescido e passava por uma etapa de consolidação. A confirmá-lo, a realização da promessa definitiva da Alice Montargil; a 2.<sup>a</sup> renovação provisória do António Gonçalves Fernandes e da Maria de Lurdes Marques; a 3.<sup>a</sup> do Fernando Coelho e da Maria Alzira Manuela. Iniciaram a mesma caminhada (1.<sup>a</sup>) a Maria Dulce Flor e a Maria João Santos Silva.

Outro momento importante foi a reflexão em torno da construção de um lar, em Fátima, para os membros do Carmelo Secular que o vierem a desejar. Houve um trabalho prévio de auscultação junto das fraternidades levado a cabo pelo Padre Jeremias, assente numa oportunidade que entretanto se abriu, de que se dispensa aqui a referência a pormenores porque supostamente é de todos sabida. A adesão ao projecto pode-se dizer que reuniu o consenso, embora prudente, dadas algumas questões que necessitam de cabal esclarecimento. Ouviu-se, discutiu-se e avançou-se com soluções complementares. A semente foi lançada e está em fase de germinação, mas com sinais de fruto promissor.

Como sempre acontece, reserva-se um espaço para as fraternidades darem notícias que consideram de interesse geral. Destacaram-se a referência ao aumento do número de membros, à integração na vida paroquial e ao despertar do interesse dos párocos pela espiritualidade carmelitana vivida pelos leigos. O Padre Jeremias insistiu no esforço a fazer para testemunhar o espírito de abertura do movimento e transparência que lhe é inerente, em sintonia evangélica.

Ficaria esta nota incompleta se não se sublinhasse que todos os momentos, espaços, actos religiosos, refeições, foram um permanente reatar de relações fraternas, do avivar de amizades, do lembrar dos que não puderam vir. E no fim, um "adeus até para o próximo ano".

*Carlos Veiga*

# “A Flor branca”

## Fraternidade “S. João da Cruz”

– Paços de Ferreira –

Retiro 22 a 23 de Março de 2003

Orientado pelo P. Jeremias

Era um jardim antigo com um pequeno lago e um canteiro, cheio de flores. Era Primavera e cada novo dia fazia abrir novas flores, despertar novas plantas, novos brilhos por entre as relvas húmidas, novos sonhos em cada árvore renascida...

No meio dessas inúmeras flores multicolores, havia uma, muito singela, muito escondida, muito diferente, porque era branca. As outras flores entregavam-se às suas danças com a brisa, riam-se muito com os insectos que nelas poisavam e sorriam à flor branca a quem chamavam “branquinha” por causa da sua cor... A flor, porém, gostava de ser simples margarida branca de sempre... Passava os dias deliciando-se com o canto das aves que por ali voavam e ali mesmo, empoleiradas nos ramos verdes e tenros das árvores, cantavam, entontecidas, as suas canções de Primavera. A flor preferia ouvir as aves, a dançar as danças das outras flores...

Um dia, apareceu por lá uma ave nova. Poisou, calada, num ramo da velha árvore, e demoradamente ficou a apreciar aquele jardim colorido. A um canto, uma pequena fonte gorgolejava uma cançãozinha breve. Um doce caminho de pedra antiga levava a um caramanchão coberto de cachos de glicínia roxa cujo perfume entontecia ... Ondas de insectos adejavam em torno das flores roxas... Mais perto de si, a ave reparou nas mil flores a seus pés, dançando e perfumando os ares...

Subitamente, viu a flor branca, escondida entre mil cores e a verdura. Parecia triste a flor. Sorriu-lhe e cantou para ela uma canção. Era linda a canção.

– Era uma canção azul – pensou a flor. E estremeceu.

Tentou compreender as palavras da ave. Eram profundas e diferentes. Adorou a canção. A ave falava das verdades que poucos conheciam, dos sonhos impossíveis tornados possíveis, de tudo aquilo que faz da vida um sonho verdadeiro...

Então a flor já não era flor. Era uma promessa.

Então a flor já não era um sonho sem sentido. Era uma flor realizada.

E disse à ave:

– Vem todas as manhãs cantar para mim a tua canção azul, porque, sempre que a ouço, sei que dentro de mim existe uma semente de vida eterna...

E todas as manhãs a ave incendiava o sonho da flor. E todas as manhãs o sonho da flor era uma prece e um hino de glória...

*Maria Adelaide Vasconcelos*

“Levar-te-ei ao deserto e aí te falarei ao coração”, este foi um dos propósitos do nosso retiro: sairmos do quotidiano, para nos encontrarmos com Deus. Não podemos viver separados de Deus. O homem, separado de Deus, é como a “erva do telhado, que de manhã reverdece e à tarde murcha e seca”. Somos seres dependentes de Deus, daí um acto diário de reconhecimento e agradecimento.

Nunca ninguém viu a Deus, mas em Jesus o próprio Pai Se revelou: “Filipe, quem me vê a Mim, vê o Pai”.

No baptismo de Jesus, Deus abençoou-O dizendo: “ESTE É O MEU FILHO MUITO AMADO ESCUTAI-O”. Assim também no nosso baptismo, Deus nos abençoa dizendo: “Tu és o amado e amado de Deus”; somos seus filhos amados e queridos. Deus ocupa-se de cada um de nós como se fôssemos a única pessoa existente na terra. Devemos ter sempre presente na nossa vida estas palavras do Senhor: “Chamei-te pelo teu nome, desde o princípio... Esculpi-te nas palmas das minhas mãos”.

Depois de experimentarmos o Amor de Deus na nossa vida, descobrimos que Deus é diferente daquilo que ouvimos falar acerca d’Ele. Nunca deixar a “nossa” fé ser uma crença transmitida pelos outros; saciar-nos-á fazer a experiência de tudo aquilo que ouvimos. Eu só O posso amar, na medida em que O experimento na minha vida; então poderei bem melhor transmiti-l’O, porque já O saboreei. “Saboreai e vede como o Senhor é bom”.

Para experimentar Deus, não é necessário sair do nosso dia-a-dia, basta estarmos aí inseridos e tudo fazer com muito amor. Passamos muito tempo imitando os outros e por vezes não deixamos a nossa pessoa crescer ... Devemos deixar que o nosso ser cresça de dentro para fora...

O amor de Deus para com o homem não se fundamenta na bondade deste, mas na Sua própria fidelidade. “EU SEREI O VOSSO DEUS, O VOSSO SALVADOR...”. Ama-nos mesmo que O desprezemos. Assim como a mãe ama o seu filho, não porque ele seja bom, mas porque é filho, por fidelidade ao seu instinto materno, assim também Deus. A mãe ama todos os seus filhos com todo o seu coração, mas se um cai doente, sem deixar de amar os outros, ela parece encontrar recursos dentro de si para ao doente amar de uma maneira especial. Assim é Deus para conosco.

Jesus ama a todos sem excepção, mas de modo especial os pobres, os doentes, os salteadores, todos os que são motivo de escândalo... “EU VIM PARA OS QUE ESTÃO DOENTES”. Deus não Se cansa de perdoar. É um Deus cheio de misericórdia e amigo...

Muito obrigada P. Jeremias por tanto esforço que gasta por nós... Já tem a recompensa dada por Deus Pai, pois nós nunca poderemos satisfazer os nossos desejos de gratidão. Bem haja!

*Maria Fernanda*

## Testemunho de uma congressista – Paços de Ferreira –

É chegado o nosso Encontro Nacional, onde todos nos apresentamos como irmãos e amigos.

Vi em muitos rostos uma amizade verdadeira, aquela porta que conduz ao cárcere do amor. Esta amizade acelera o nosso voo para Deus; não é como os fios de aranha que à mais leve brisa se rompe. Esta amizade que vamos sentindo nestes amigos, purifica-se na dor e na adversidade.

E sem sombra de dúvida que os nossos Padres, irmãos e amigos são um pedaço de sol que penetram nossos corações e nos fazem luz no caminhar para a felicidade eterna, já... aqui e agora.

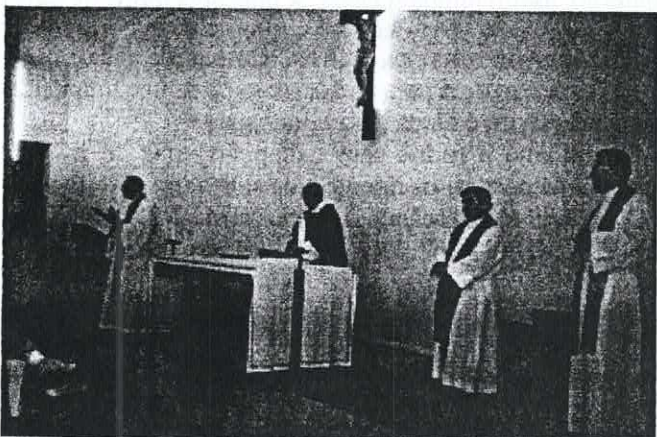
Nos intervalos e mesmo de regresso a casa, fomos comentando o desafio naquela pergunta que fez o P. Provincial: – “Qual é o testemunho, no teu lugar, como Carmelitas seculares?” Também o P. Alpoim nos deu a resposta, para não nos desviarmos do verdadeiro sentido... “ser membro praticante da Igreja Católica que assume o compromisso, procurando o rosto de Deus na oração, para bem da Igreja e do mundo.

*“Vossa sou, para Vós nasci...  
que quereis, Senhor, de mim...”*

O P. Jeremias vinca bem profundamente o nosso compromisso, faz-nos ver e sentir que não estamos comprometidos com um dogma ou uma moral, mas sim com uma Pessoa. Alguém que nos ouve, nos escuta e fala connosco. É só necessário a atenção do coração.

A fé nasce como fruto da confiança em Deus. Mas, por sua vez, esta já é filha da fé. Uma e outra foi o presente que nos ofereceu o Senhor.

Os carris do caminho de ferro unem as cidades mas não bastam para nos trasladarmos de um lugar para o outro. Jamais o faríamos se não corresse sobre eles a energia e a força do comboio. O mesmo acontece com a fé. Sem ela são inúteis as nossas obras. Mas a viagem da nossa pequenez até à grandeza de Deus fá-la-emos através do comboio das boas obras nos trilhos da fé. “Esta não se herda, nem se transmite... A fé é um dom que se recebe. Acredito em Deus, porque O experimento na minha vida”, fortemente nos ensinou P. Jeremias.



*Eucaristia de encerramento do Congresso*

“Façamos aqui três tendas...”. Pedro não compreendia ainda o sentido da “tenda” e adormeceram enquanto Jesus orava. Esta imagem do sono, indicava a incompreensão dos discípulos acerca do que se passa com Jesus Cristo. Não compreendiam o alcance do Êxodo = Páscoa de Jesus. Só com a Ressurreição é que vão entender tudo sobre o Mestre.

Este magnífico ensinamento e comparação do AT que se concretiza no NT, em Jesus Cristo, foi-nos dado pelo P. Armindo Vaz.

Êxodo – aqui antecipa a morte, ressurreição e elevação.

Em Pedro, Tiago e João estamos todos nós representados: no medo, sono, incompreensão, dúvida...

Muito obrigado, Senhor, por tudo quanto nos destes. Permite que jamais nos desanime a dificuldade ou o perigo, pois Tu nos dás o conhecimento para a esperança; esta cresce mais viçosa à sombra da cruz que ao sol da falsa alegria. Coloquemos aqui o nosso esforço de cada dia para melhor Te louvar e agradecer por todos aqueles que passam pela nossa vida e vão iluminando o caminho e não tropeçarmos em tanta dificuldade.

*M. Otília*

## Noticiário

No dia 4 de Março, tiveram lugar, em Carvalhosa-Paços de Ferreira, as Promessas de alguns irmãos e irmãs. Foi uma cerimónia bem bonita. Realizou-se na Eucaristia da comunidade eclesial. A Igreja estava repleta. Presidiu o nosso Padre Provincial e concelebraram o nosso prior e o assistente nacional da Ordem Secular em Portugal. No dia seguinte, todos os participantes no retiro, em número de quarenta e tantos, almoçámos juntos no centro paroquial. Foi um encontro que marcou a todos muito profundamente.



No dia 13 de Julho terá lugar na Igreja do Carmo de Aveiro a Promessa Definitiva da Rita Costa Alves de Bolhão Oliveira Páscoa e a 1ª Promessa de Joaquim Augusto Lopes Ferreira. A cerimónia terá lugar na Eucaristia das 18,30 h. Estão todos convidados.



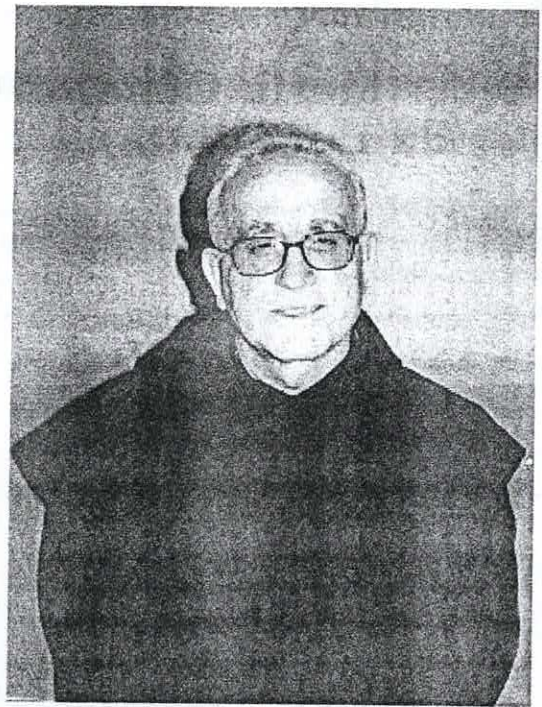
No dia 20 de Julho, a Ordem Secular de Viana do Castelo celebrará a sua festa, como faz todos os anos, no primeiro Domingo depois da solenidade de Nossa Senhora do Carmo.

# Capítulo Geral

De 27 de Abril a 17 de Maio teve lugar em Ávila o Capítulo Geral da Ordem. Nele participou por direito o P. Provincial, P. Alpoim Alves Portugal e por eleição, o P. Manuel Reis. Foi eleito o P. Luís Aróstegui Gamboa, da Província de S. Joaquim de Navarra, que, dito seja de passagem, foi aquela que restaurou a Ordem em Portugal e na qual a maior parte dos nossos religiosos estudou.

\* \* \*

O P. Luís Aróstegui Gamboa de Santa Teresinha nasceu em Gatica (Vizcaya, Espanha), a 21 de Janeiro de 1939. Professou na Ordem dos Carmelitas Descalços em Larrea (Vizcaya), a 15 de Julho de 1956. Depois de cursar os estudos teológicos em Vitória, passou a estudar Teologia no *Teresianum* de Roma, onde alcançou a licenciatura, tendo recebido a ordenação sacerdotal na Cidade Eterna, a 5 de Abril de 1964. No Outono de 1967, começou os estudos de especialização na Universidade do Sagrado Coração de Milão, na Faculdade de Filosofia e Letras. Enquanto preparava a tese de filosofia, residiu na Áustria, perto de Viena, fazendo de capelão num asilo de idosos e familiarizando-se, ao mesmo tempo, com o alemão. Fez uma incursão na poesia com "Poemas inacabados", publicados em Bilbau no ano de 1969. Voltou a Milão e, em Novembro de 1971, doutorou-se em filosofia defendendo a tese que tinha por tema: "Dietrich Bonhoeffer: l'etica cristiana come critica di ogni etica". Foi Superior Provincial da Província de S. Joaquim de Navarra por três vezes: a primeira de 1987 a



1990; a segunda de 1990 a 1993; e a terceira de 1996 a 1999. Terminado este seu ofício, foi nomeado director do Centro de Espiritualidade de Larrea-Amorebieta. Foi também, por nomeação da Santa Sé, assessor das Carmelitas Descalças de S. Joaquim de Navarra. Durante este tempo colabora com artigos teológicos em várias revistas, como "Monte Carmelo" e "Revista de Espiritualidad". Também escreve artigos em língua vasca, especialmente para a revista "Karmel".

*Flor do Carmelo* deseja-lhe muitas felicidades no desempenho da sua missão.



## Uma nova Santa Carmelita Descalça Madre Maravilhas de Jesus

Nasceu em Madrid, Espanha, em 1891. Entrou no mosteiro das Carmelitas Descalças do Escorial, na capital espanhola, Madrid, a 12 de Outubro de 1919. Em 1924, agraciada por uma inspiração divina, fundou o Carmelo do Cerro dos Anjos, junto ao monumento do Sagrado Coração de Jesus. A essa fundação seguiram-se outras nove em Espanha e uma na Índia. Colocou sempre em primeiro lugar a oração e o sacrifício. Teve verdadeira paixão e zelo pela glória de Deus e salvação das almas.

Da sua clausura e vivendo uma vida pobre, socorreu os necessitados, estimulando iniciativas apostólicas e obras sociais ou de caridade. Ajudou especialmente a sua Ordem, os sacerdotes e diversas Congregações religiosas. Faleceu no mosteiro de Aldehueta, em Madrid, a 11 de Dezembro de 1974. Foi beatificada por João Paulo II, a 10 de Maio de 1998 e canonizada no passado 4 de Maio, em Madrid.

Uma nova Beata Carmelita Descalça

## Madre Maria Cândida da Eucaristia

No dia 12 de Abril de 2003, teve lugar, na presença do Santo Padre, a leitura do Decreto sobre o milagre para a beatificação da Madre Maria Cândida da Eucaristia, conhecida pela "Mística da Eucaristia".



Maria Cândida da Eucaristia (Maria Barba) nasceu a 16 de Janeiro de 1884, no seio duma família profundamente religiosa, mas que se opôs frontalmente à sua vocação religiosa que se manifestou à idade de 15 anos. Maria teve que esperar quase vinte anos para realizar as suas aspirações, demonstrando nestes anos de espera e de sofrimento interior, uma surpreendente fortaleza de ânimo e uma fidelidade nada comum à inspiração inicial.

Esta luta terminará com a entrada no Carmelo Teresiano de Ragusa, a 25 de Setembro de 1919. Maria Barba foi adornada duma particularíssima devoção ao

mistério eucarístico: na Eucaristia ela via o mistério da presença sacramental de Deus no mundo, a concretização do seu infinito amor pelos homens, o motivo da nossa plena confiança nas suas promessas.

Eleita Priora do mosteiro, no ano de 1924, continuará neste ofício, salvo uma breve interrupção, até 1947, infundindo na sua comunidade um profundo amor pela Regra de Santa Teresa de Jesus e contribuindo dum modo directo para a expansão do Carmelo Teresiano na Sicília e pelo retorno dos Carmelitas Descalços a essa terra.

O Senhor chamou-a, depois de alguns meses de grande sofrimento físico, no dia 12 de Junho de 1949, solenidade da Santíssima Trindade.

### Oração do amigo

*Senhor, eu Te dou graças  
pelo amigo que me deste.  
É através da sua presença  
que Tu ficas a meu lado.  
Olhando para os seus olhos,  
descobri o sentido profundo  
que se oculta no Teu próprio olhar!  
Deixando-me cativar  
pelo seu sorriso contagiante,  
aprendi também a sorrir.  
Ouvindo as suas confidências sinceras,  
aprendi a escutar a Tua voz.  
Recebendo tantas provas de carinho,  
aprendi a amar os que convivem comigo.  
Partilhando a vida, a Fé, os erros,  
as lágrimas e as alegrias,  
eu vislumbrei-Te no rosto sereno do meu amigo.  
Graças Te dou, meu Deus,  
porque Te revelas  
em gestos tão humanos  
que posso experimentar-Te sempre  
na pessoa deste amigo que me ama!  
Faz que ele seja muito feliz  
e que eu Te encontre sempre  
na transparência da nossa amizade. Amen.*

*Adriana Zuchetto*



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços \* Fotocomposição: P. Pedro Lourenço Ferreira \* Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina \* Sede: Rua de Gondarém, 274 - 4150-371 PORTO \* Tel. 226181683 - Fax 226189391 \* jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt